

ANA BEATRIZ BRANDÃO

O
garoto do
cachecol
vermelho

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2016



VERUS
EDITORA

Editora executiva

Raissa Castro

Edição

Thiago Mlaker

Coordenação editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Lígia Alves

Revisão

Raquel de Sena Rodrigues Terzi

Capa

Idée Arte e Comunicação

Ilustração casual

Franklin Fernandes

Projeto gráfico e diagramação

André S. Tavares da Silva

ISBN: 978-85-7686-535-3

Copyright © Verus Editora, 2016

Todos os direitos reservados.

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753
Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

B817g

Brandão, Ana Beatriz

O garoto do cachecol vermelho / Ana Beatriz Brandão.

- 1. ed. - Campinas, SP : Verus, 2016.

23 cm.

ISBN 978-85-7686-535-3

1. Literatura brasileira. I. Título.

16-34030

CDD: 869.93

CDU: 821.134.3(81)-3

Sumário

O vazio	11
Fim da rua	14
O garoto do cachecol vermelho	18
Balé	22
A salvação	25
Plateia	31
Holofotes	36
O farol	39
O telefonema	46
Aquele sorriso	51
Escolhas erradas	59
Sangue e gelo	65
Feche os olhos	77
A proposta	89
Dois lados da moeda	92
O impensável	96
Música dos anjos	108
Vermelho e roxo	114
Lei do mais forte	121
Confiança	127
Promessas	144
O príncipe e a bailarina	153
Liberdade	162
A vida em cores	167
Azul da cor do céu	174
A dança	180
Bessie	190

Constelações	194
Longa noite	199
Perdão	204
Adeus	212
Juilliard	219
Não mais	224
O teste	229
Até o fim	241
Sob os olhares	247
Mil e uma desculpas	252
A despedida	262
O anjo	268
Oxigênio	272
Ultima vez	282
Sapatilhas brancas	286
Agradecimentos	291

O vazio

Eu podia ouvir o barulho da chuva fraca do lado de fora. Ela batia contra a janela de um jeito melancólico. Eu sabia que ainda não havia amanhecido. Olhei para o relógio ao lado da cama e vi que passava das quatro horas, mas alguma coisa me mantinha acordada. A sensação de saudade de algo que nunca chegou a ser meu. Não sabia o que era, mas aquilo me perturbava havia semanas, como se me preparasse para alguma coisa que estava por vir. A antecipação de um vazio futuro.

Espreguicei na cama, me esticando o máximo que consegui. Projetada no teto, a sombra das gotas de chuva que desciam pela janela era hipnotizante. Eu seria capaz de passar horas encarando aquilo sem me cansar.

Olhei novamente para o despertador. Quatro e meia. Sentei na cama, colocando os pés no chão frio de madeira escura que revestia minha casa inteira, e me levantei, tentando não cambalear de cansaço, enquanto tentava ir em direção ao banheiro.

Coloquei a mão na maçaneta, parei em frente à porta e pressionei a testa contra ela, fechando os olhos. Aquilo estava acabando comigo. Eu só precisava de uma boa noite de sono. Só isso.

Abri a porta. Em frente à pia, observei minha imagem refletida no espelho.

O rosto tinha olheiras, e o cabelo negro e cacheado caía desganhado até a cintura. Suspirei, me apoiando no balcão de mármore preto e encarando a mim mesma mais de perto.

Minha pele era morena, quase negra, e meus olhos eram castanho-escuros. Sua expressão estava cansada. Cansada, não: exausta.

Tecnicamente, eu teria que sair da cama para ir à faculdade por volta das seis e meia, mas tinha certeza de que não conseguiria voltar a dormir. Nunca conseguia; minhas noites tinham se reduzido a duas horas de sono no máximo, e muitas outras rolando na cama sem conseguir pregar o olho. Suspirei, abrin-

do a torneira e lavando o rosto com água fria. Os vestígios de lápis e rímel ao redor dos olhos apenas acentuavam ainda mais minhas olheiras.

Encarei-me no espelho enquanto a água escurecida pela maquiagem ia embora pelo ralo. Queria poder lavar também o enjoo que estava sentindo. Noites de festas e bebidas realmente não eram sinônimo de “bem-estar”, mas fazer o quê? Era daquele jeito que eu conseguia me distrair, fugir um pouco da minha vida chata e entediante.

Eu era praticamente emancipada; minha mãe passava os dias viajando de cidade em cidade, no sertão do Brasil, para cuidar “daqueles que não podem pagar um convênio médico”, ou, como eu costumava chamar: pessoas com preguiça de ganhar o próprio dinheiro.

Regina era uma cirurgiã plástica famosa. As pessoas mais importantes do país, e até algumas de fora, frequentavam sua clínica. Quando ela não estava ao lado delas, voava de um lado para o outro fazendo cirurgias reparadoras em seus queridos necessitados. Ela gostava de fingir que era uma benfeitora, e essa era uma das coisas de que eu menos gostava na minha mãe: a aura de bondade infinita e a idolatria das pessoas. Mas tudo era uma farsa. Só eu conhecia a verdadeira Regina, em todas as suas nuances, em todo o seu abandono.

Minha vida se resumia a ir à faculdade, me dedicar às três horas de treino diário de balé no quarto e depois fazer o que me dava na telha. Podia rolar uma festa ou uma volta na rua com os meus “amigos”.

Agora estava me preparando para entrar no banho, sentindo a cabeça latejar por causa da quantidade de álcool que eu tinha ingerido. Minha boca tinha um gosto metálico horrível, e eu queria muito vomitar.

Já tinha me acostumado àquela sensação. A bebida me fazia esquecer, por alguns momentos, quem eu era, e eu precisava disso. O álcool dá essa ilusão de liberdade, mas, depois do efeito entorpecente, a realidade volta a atingir a gente feito uma bomba nuclear, nos devastando por completo, e somos obrigados a encará-la novamente.

Sentei-me no boxe, sentindo o jato de água quente bater com força contra as minhas costas. Abracei os joelhos, suspirando. Como é que eu ia começar mais esse dia?

Era como se eu estivesse perdida, num modo automático quase permanentemente, agindo como todos achavam que deveria, mantendo as aparências, correndo atrás do que seria o meu sonho e lutando para chegar lá mesmo que tivesse que passar por cima de qualquer um para alcançá-lo. Mas eu sabia que

aquilo não se sustentaria para sempre. Alguma coisa me dizia que tudo iria mudar, e não levaria muito tempo até que eu me tornasse algo que nunca pensei me tornar.

Eu só precisava esperar que esse dia finalmente chegasse.

Fim da rua

— *Mel! Olha pra cá!* — ouvi alguém gritar e olhei na direção da voz.

Um flash cegou meus olhos, e resisti ao impulso de cobri-los com as mãos. Eu sabia que Laila havia tirado aquela foto. Ela tinha ganhado dos seus pais uma Polaróide azul-bebê no Natal, e em seis dias já havia gastado todos os dez filmes que vinham com a máquina.

Eu já estava cansada de xingá-la, de pedir que parasse de agir feito criança e guardasse aqueles retratos para alguma situação que os fizesse valer a pena, mas meus protestos entravam por um ouvido e saíam pelo outro.

— O que você tem? — perguntou Pedro, sentado ao meu lado. Seus olhos verde-escuros tinham um brilho de curiosidade.

Observei Pedro por alguns segundos. Sua pele era escura como a minha, e o cabelo tinha poucos centímetros de comprimento. Ele tinha falado qualquer coisa sobre estar pensando em deixá-lo crescer. Tinha os traços fortes, a mandíbula quadrada e o olhar sério.

Pedro e eu tínhamos o que muita gente chama de “amizade colorida”, apesar de eu não sentir nada muito forte por ele. Éramos jovens entediados, e os dois tiravam proveito da solidão do outro.

Eu sabia que ele alimentava algum tipo de amor platônico por mim. Sinceramente? Não me importava nem um pouco, e até me aproveitava disso de vez em quando.

Estávamos todos sentados em uma calçada do centro da cidade esperando a meia-noite chegar e a queima de fogos brilhar no céu. Não havia muitas pessoas por ali. A maioria estava no festão que acontecia na Avenida Paulista. Uma muvuca sem fim: pessoas se espremendo, cantando músicas sem sentido de uma frase só, repetidas infinitamente, gritando enlouquecidas pelo “astro” do momento. Fato: aquele não era o meu lugar.

Das onze pessoas sentadas no meio-fio, metade tinha um cigarro aceso, inclusive eu, e a fumaça formava uma névoa ao nosso redor. Acho que a parte

mais curiosa daquilo era o fato de todos nós usarmos preto ou alguma cor bem escura. Apesar de ser verão, o ar era frio, e eu estava vestindo um blazer azul-marinho.

— Nada que seja da sua conta — respondi. Ele sabia muito bem que eu detestava falar da minha intimidade.

— Gentil e delicada feito uma bazuca — ele murmurou, sorrindo.

— Como sempre — disse alguém parado à minha frente.

Passei o olhar pela garota que falava comigo. Seu cabelo loiro mais liso que o normal estava preso em um rabo de cavalo apertado, e ela não usava roupas adequadas para a ocasião nem para o clima. Eu não a culpava. A beleza era sua única arma para atrair os homens. Eu ainda me perguntava se era possível uma pessoa ter nascido sem cérebro. Talvez fosse o caso dela.

— Qual é, Mel?! — ela disse, tão bêbada que mal conseguia se manter em pé. Segurava uma garrafa de vodca que tinha apenas metade do conteúdo, e o braço livre estava por cima do ombro do garoto que, no momento, ela usava como brinquedo. Um dos muitos. — Cadê o espírito de Ano-Novo?

Resisti ao impulso de mostrar o dedo do meio e responder: “Bem aqui, não tá vendo?” Tive vontade de rir imaginando essa cena. Levantei uma sobrancelha, abrindo a boca para falar, quando o garoto ao meu lado o fez por mim:

— Não sei por que você se surpreende, Fê. Ela está com o humor de sempre.

— Que bom que você virou telepata, Pedro. — Fingi estar surpresa. — Por que não tenta adivinhar o que eu estou pensando agora?

Fiquei feliz por ter guardado o lance do dedo do meio para uma oportunidade melhor. A cara dele foi impagável. Assoprei a fumaça em seu rosto e ele tossiu, se abanando com ambas as mãos. Eu ri, me levantando do chão e conferindo a hora na tela do celular. Faltavam alguns minutos para a virada do ano.

Guardei o celular de volta no bolso, dando tempo suficiente para que Pedro se levantasse também e me abraçasse por trás. Será que a situação ficaria muito chata se eu revirasse os olhos? Me livrei do seu aperto, dando alguns passos na direção do final da rua, onde um grupo de pessoas começava a formar uma roda. Eu não tinha ideia do motivo.

— Você não pode me rejeitar em pleno Ano-Novo! Ontem você estava tão... receptiva — Pedro disse, tentando voltar a se aproximar. Me lançou um olhar malicioso que faria qualquer outra garota se atirar em seus braços.

O que dizer sobre o comentário dele? Bom... Eu tinha vergonha de ficar com aquele garoto, uma vez que a criação e a situação financeira da família dele eram muito diferentes das minhas. Ele não era pobre: tinha uma vida confor-

tável, um carro novo, morava em um bairro razoável. Sua mãe tinha um bom emprego e até alguns amigos influentes, mas o fato é que eles não tinham tanto dinheiro quanto eu. Sim, o dinheiro importava no meu caso. E muito. Eu preferia não me meter com a classe média.

O que eu estava fazendo com Pedro? Foi um caso de pena e tédio, como já falei. O cara pensou que teria alguma chance comigo, então eu topei fingir que estava caindo no seu jogo. Não custava nada me divertir um pouco, não é?

Quando o barulho no fim da rua começou a aumentar, a curiosidade me atingiu. O que havia de tão interessante ali para ninguém se preocupar com a contagem regressiva para a virada do ano?

— 59... 58... 57! — meus amigos haviam começado a berrar aqueles números, tão alto que meus ouvidos chiavam.

Fernanda passou um braço por cima dos meus ombros, praticamente me obrigando a voltar a atenção para eles. Era melhor ficar com aquele bando de bêbados sem noção do que com a única parte da família que havia restado depois que meu pai morreu. Era sempre a mesma coisa. Lágrimas, palavras vazias e o silêncio na mesa de jantar. Eu odiava aquilo mais do que qualquer coisa. Falsidade disfarçada de boa educação.

— 30... 29! — ela gritou no meu ouvido.

Olhei por cima do ombro, na direção do fim da rua, de onde vinha um barulho de algo batendo com força no metal, no ritmo da contagem. Não pude deixar de sorrir ao ver três ou quatro pessoas dançando e dando piruetas, como se aquilo fosse algum tipo de música. Elas não eram muito habilidosas na arte da dança, mas pareciam se divertir.

Uma lufada de fumaça foi soprada em meu rosto, tentando chamar minha atenção. Desisti de tentar me concentrar em outras coisas e me juntei aos meus amigos.

— 10... 9... 8... — todos gritamos.

Quando a contagem — que parecia interminável — cessou, uma explosão de fogos surgiu no céu. Todo mundo gritou e se abraçou. O álcool tem a capacidade incrível de simular uma sensação de felicidade. Eu tinha que admitir que, por alguns instantes, me permiti sentir aquele êxtase de Ano-Novo percorrendo minhas veias, misturado ao álcool e ao sangue. Aquela sensação de que talvez tudo pudesse ser diferente no ano novinho em folha que estava se iniciando.

Mas não durou muito. Alguns segundos depois, fui tomada pelo vazio que estava tirando meu sono havia semanas. Não! Eu não ia permitir que minha

festa acabasse ali. Peguei a garrafa das mãos de Fernanda e tomei um gole caprichado, sentindo o álcool descer quente pela garganta e atingir meu estômago vazio como um soco. Mais alguns segundos, eu estava bem de novo.

Deixei que Pedro me levantasse no colo e ergui a mão que segurava o cigarro. Assoprei a fumaça para cima e ri, me permitindo me divertir pelo menos um pouco. Quando ele me pôs no chão e me beijou, retribuí com ânimo, fingindo me importar.

Depois, afastei Pedro com um empurrão e dei as costas para ele, joguei o cigarro no chão e o pisoteei. Olhei de novo para as pessoas do fim da rua. Elas batucavam no que parecia ser latas de tinta.

Aos poucos, meu olhar distinguiu uma pessoa no meio da roda. Um garoto loiro que se movimentava de um lado para o outro com agilidade. Ele parecia estar pintando o asfalto. Não dava para vê-lo direito, mas eu sabia que o seu pescoço estava protegido por um cachecol enorme. Eu nunca tinha visto um tom de vermelho tão vivo.

O cara parou por um segundo, quase como se tivesse sentido que estava sendo observado, e olhou na minha direção. Sorri de leve. Eu desviei o olhar, trincando os dentes e fingindo estar distraída. Abusado... Pintar o asfalto no meio da rua? Vândalo.

Voltei a olhar na direção dos meus amigos. Fernanda se agarrava com o namorado ali perto. Um garoto alto de cabelo preto e olhos verdes; até que era bem bonitinho. Carlos Eduardo, ou, como gostávamos de chamá-lo, Cadu. Eu sorri. Mal sabia ela que havia sido traída poucas semanas antes. Comigo. Suspirei.

Foi uma fraqueza momentânea, mais nada. Eu não podia culpá-lo: eu sempre conseguia o que queria. Não sabia o que era um não. Quando, em uma festa, eu o puxei para o quarto da aniversariante e disse que queria saber o que ele tinha de tão especial, ele até tentou resistir, mas não precisei de mais que dez segundos para conseguir o que queria. Para provar a mim mesma que podia ter tudo. Não passou de uns amassos; meu limite com os caras era bem estabelecido. Adorei ver a cara de frustração dele quando o empurrei em direção à porta e o expulsei do quarto sem ir até o fim. Idiota. Jurava que ia se dar bem comigo.

Olhei para o céu. Ainda tínhamos mais algum tempo de show de fogos, pelo que eu sabia. Naquele ano seriam quinze minutos; pelo menos era o que tinha saído na imprensa.

Fiquei ali, parada, encarando o céu e tentando aproveitar cada segundo daquilo até que acabasse.

O garoto do cachecol vermelho

O show de fogos havia terminado poucos minutos antes, e ainda assim ninguém tinha ido embora. Todos festejavam, inclusive eu, que ignorava o fato de estar começando a ficar mais bêbada do que pretendia. Quando Fernanda percebeu a confusão no fim da rua, enfiou na cabeça que queria ir até lá ver o que era.

É óbvio que eu aderi à ideia. Estava de olho naquela aglomeração, imaginando o que acontecia, fazia tempo.

Fernanda me puxou pela manga do blazer, e nós nos encaminhamos ao grupo de pessoas, seguidas por Cadu e Pedro. Os outros decidiram continuar ali, curtindo a bebedeira, sem socializar.

Espichando o pescoço para descobrir o que acontecia sem ser notada, vi o tal garoto agora ajoelhado no chão, rodeado por latas de tinta. Ele verificava algumas delas, checava se ainda estavam cheias. As vazias eram jogadas longe, em direção à calçada. O cara pouco ligava se poderia acertar alguém. Tão concentrado estava que parecia não notar o tumulto em volta. Os seus companheiros recolhiam as latas e batucavam nelas, cantarolando sambinhas aleatórios enquanto andavam em círculos. Eles se abraçavam como se fossem as pessoas mais felizes do mundo. Na verdade, pareciam mais um bando de índios em um ritual qualquer, dançando ao redor de uma fogueira. Este último pensamento me fez sorrir por alguns segundos.

Prestei mais atenção ao garoto, que, todo sujo de tinta, continuava a desenhar no chão. Era uma mistura de amarelo, laranja, azul e roxo. Até que bem legal. Meu queixo caiu quando olhei para o asfalto onde ele estava ajoelhado. Algo parecido com uma enorme e complexa mandala ganhava vida ali. Era linda, mesmo ainda incompleta, alguns espaços apenas rascunhados com borrões de tinta. Dei mais alguns passos, desviando das pessoas, e o garoto ergueu o olhar até mim. Os olhos eram azuis da cor do céu do meio-dia. O rosto era

indescritível, tão lindo quanto um daqueles modelos de revista, mas o que mais me chamou a atenção foi o cachecol enrolado em seu pescoço. Era grande e de um vermelho tão vivo e vibrante quanto o desenho que ele criava no asfalto.

Parei perto dele, observando com mais atenção. Uma de suas latas de tinta veio quicando e rolou na minha direção, não sujando por um triz as sandálias Jimmy Choo novinhas que eu tinha comprado na última viagem a Nova York.

— O que é isso? — perguntei, irritada, chutando a lata para longe. Todo mundo parou o que estava fazendo e olhou para mim.

Ele me encarou, inclinando um pouco a cabeça para o lado, como se não tivesse me entendido. Não moveu mais nenhum músculo. Pedro e Fernanda pararam ao meu lado. Eu não tinha certeza se eles estavam admirados ou chocados com a falta de vergonha na cara daquele garoto. Como não tive resposta, tentei mais uma vez:

— O que você está fazendo?!

— Estou criando arte — ele respondeu, se levantando e encarando o próprio trabalho. Pareceu satisfeito. Seus amigos aplaudiram, com cara de impressionados.

O garoto murmurou alguma coisa que eu não ouvi antes de pegar as latas ao seu redor e levá-las até a parte da pintura que parecia incompleta. Tomou bastante cuidado para não pisar sobre a mandala que havia acabado de pintar. Se ajoelhou mais uma vez, abriu outra lata, enfiou as duas mãos lá dentro e começou a passá-las pelo chão, como uma criança. Parecia ignorar o fato de eu continuar ali, indignada. Me aproximei, agora não ligando mais se iria sujar meus sapatos ou atrapalhar o trabalho do carinha. Ser ignorada me tirava do sério! O garoto falou, sem olhar para mim, quando parei na sua frente:

— Você acabou de estragar metade do meu trabalho.

— Que se dane! Você não pode fazer isso!

— Nossa — ele começou, seu olhar de repente se tornando grave. Girou o pescoço para olhar em volta, para os amigos que nos observavam, parecendo ofendido ou talvez surpreso. — Você... Ah, meu Deus. Eu... eu não sabia! — Se levantou, colocando as mãos na frente da boca. — Me desculpe... senhorita autoridade máxima da rua! — concluiu, finalmente. Trinquei os dentes. Abusado. Continuou, abrindo um sorriso malicioso: — Que eu saiba, arte não é crime, e a rua ainda é pública.

— Isto aí não é arte, é vandalismo! — retruquei, sentindo crescer dentro de mim uma raiva inexplicável.

— Mel... não fala assim. Vem. Você tá ficando sóbria e chata. Vamos resolver isso com uma boa dose de felicidade líquida! — Fernanda segurou meu braço e o balançou de um lado para o outro.

— Me deixa em paz! — gritei, me livrando de seu aperto.

Ela deu alguns passos para trás, murmurando algo que não entendi, e se afastou. Agora todos nos encaravam. O garoto riu, balançando a cabeça, antes de voltar ao seu trabalho. Semicerrei os olhos. Ele estava rindo? Devia era estar com medo de eu chamar a polícia e mandar prendê-lo por vandalismo.

— Aí, Dan! — disse um dos amigos dele. — Vamos vazar! Precisa de carona pra casa? — Passando o olhar para mim. — Ou de um guarda-costas?

— Não. Tudo bem — respondeu o tal Dan, ainda ignorando minha presença.

Só quando todos deram as costas o garoto voltou seus grandes olhos azuis para mim.

— Mel, vamos embora! — Pedro chamou, um pouco atrás de mim, segurando meu braço. — É melhor a gente ir também.

— Isso, vá embora e me deixe terminar o meu trabalho em paz — disse o vândalo.

Chutei uma lata azul e ela tombou para o lado. Quando a tinta escorreu pelo asfalto, encobriu e manchou boa parte da pintura. Primeiro ele me desafiava, me tratando com sarcasmo, e depois me mandava embora?! Não, ninguém falava daquele jeito comigo. De jeito nenhum. Ele me encarou e perguntou, levemente indignado:

— Por que isso?!

— Porque eu quero — respondi, petulante. — Porque eu posso. — Sorri um pouco, me afastando alguns passos antes de continuar: — Boa sorte ao tentar consertar isso aí.

Ao contrário do que eu esperava, ele sorriu. Juntei as sobrancelhas, confusa, e dei as costas para ele, indo em direção a Pedro, que já começava a se afastar. Ouvei o cara gritar, atrás de mim:

— Obrigado! Se quer saber, ficou bem melhor assim!

Cerrei os punhos, não me dando o trabalho de virar. Não iria responder às provocações dele. Aquele garoto não sabia com quem estava falando. Aliás, eu não me daria o trabalho de conversar com aquele pobre idiota. Pedro se aproximou, me pegou pela mão e me puxou ainda mais para longe. Reclamou comigo:

— Você não precisava ter feito aquilo.

— Ah... que se dane — falei, dando de ombros. — É só um idiota... Preciso de mais uma bebida.

— Não, Mel. Você já bebeu demais. É melhor ir pra casa.

— Sai! — quase gritei, empurrando Pedro para longe. — Eu tô bem!

Eu sabia que havia bebido mais do que devia. Muito mais. Mas não me importava. Minha vida não era da conta de ninguém, e, desde que alguém me levasse para casa, estaria tudo certo. O resto era por minha conta.

— Vamos... — Pedro passou o braço ao redor da minha cintura, me levando para longe quase à força.

Ele anunciou aos *meus* amigos que me levaria de volta e praticamente me jogou dentro do carro, estacionado a algumas quadras dali. Em poucos minutos, eu estava na porta de casa.

Esse foi o ponto alto das minhas férias.